

Sob o crescente conservadorismo destes novos tempos, as críticas destas mulheres se tornam ainda mais atuais. Em 1936, no editorial do 2º número da revista *Mujeres Libres*, alertava-se para o perigo da busca da conservação da democracia como abertura para o fascismo: “(...) vemos como na Alemanha, na Itália e em outros países, para conter o avanço dos povos que a rebaixavam, [a democracia] jogou-se nos braços da reação. (...) Ela abriu as portas do mundo aos ‘descamisados’, mas quando os ‘descamisados’ adquiriram consciência e pretenderam estabelecer-se no mundo, fecha as portas imediatamente, estrepitosamente, e entrega as chaves ao fascismo, se não se converte em fascismo ela mesma, da noite para o dia” (p. 54). Naquele momento, em meio à Revolução, Franco tomou o poder, e a Espanha viveu décadas sob um regime despótico. Hoje, o conservadorismo travestido em democracia toma conta mesmo de alguns discursos revolucionários, é por isso que o alerta destas anarquistas continua urgente.

## mergulho e liberdades | natalia montebello\*

Carlos Fuentes. *Em 68: Paris, Praga e México*. Tradução de Ebréia de Castro Alves. Rio de Janeiro, Rocco, 2008, 159 pp.

68, agora, também inventa resistências às apologias. Hoje, a loucura saudável e generosa de jovens subtende à memória pacificadora e adulta, não na lembrança, mas na reinvenção corajosa do ano-constelação. Ano

\* Pesquisadora do Nu-Sol, doutoranda no Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da PUC/SP e Secretária do Centro de Cultura Social de São Paulo.

de um improvável *basta*, diante da naturalizada obediência; ainda hoje improvável, hoje digerido em longas digressões históricas, mais ou menos filosóficas, mais ou menos redentoras, mornas. 68 subtende de diversas maneiras, entre linhas que escapam às soluções: não há como, pois não há o quê, resolver: liberdades entre jovens, quando livres de modelos — e para a liberdade há tantos —, instauram os gestos, os gritos, os estremecimentos que fogem da história e seus decretos. Em Paris, Praga e México, Carlos Fuentes descreve a potência sob a cronologia, a atualidade sob os obituários das interpretações.

Sob a memória que condena ou consagra, o livro-ensaio inventa um incômodo *sim*: há mais do que hábito e tédio, nos muros de Paris, nas ruas de Praga, nas praças de Cidade do México, na vida de *cada um...* O improvável, por vezes, escancara o medonho melhor mundo possível que não interessa, que está morto, conservado em repetidas estúpidas generalizações, grandes e pequenas, sobre a vida. E por vezes, ainda, o improvável é o detalhe que desarticula o mundo: a liberdade de *cada um* não se dissolve em nenhum *todos*. Sob restos, ruínas ou monumentos, algumas palavras, hoje, permanecem únicas, desatinadas, absurdamente livres. Ontem ou hoje, agora.

68, *único*, irrepetível, “(...) a explosão libertária, o júbilo, a imaginação, o humor, o excesso, a loucura, no pátio da Sorbonne, nos debates do Odéon, nas manifestações gigantescas, nas manifestações exaltadas até as portas das fábricas a fim de selar a aliança (impedida pela Confederação Geral dos Trabalhadores e pelo Partido Comunista Francês) dos estudantes com os operários, no incêndio da Bolsa de Paris ao grito de ‘Templo do bezerro, arde!’, nas terríveis lutas noturnas das barricadas da rue Gay-Lussac, o Boul’Mich, Saint-Germain-des-Prés, a Place Edmond Rostand e a rue d’Assas com as brutais CRS (Companhias Republicanas de Segurança, tropa de elite da polícia francesa)

que avançam contra a fumaça e as chamas e as árvores caídas, lançando gases letais, batendo indiscriminadamente em pedestres, jornalistas e paroquianos de cinemas e cafés, insinuando-se para as mulheres, a quem matracam o grito de ‘putas, putas!’, lançando granadas plásticas em direção às janelas abertas, perseguindo os estudantes pelas escadas dos edifícios e até dentro dos apartamentos onde se refugiaram” (pp. 24-25). A potência do improvável 68: a imaginação. *A imaginação toma o poder: a imaginação surpreende o poder: desconcerta, transborda... Está fora... tô fora!*

*Tô fora: palavras e pavés: palavras-paralelepípedos, duplo giro, dupla força de superfícies reinventadas, disparadas em poesia contundente: o que fundava e atestava agora voa pelos ares, fulmina. “Contra a abundância das comunicações inúteis, enviamos a mensagem imprescindível de nossas pedras e palavras” (p. 29). Rimbaud: é preciso mudar a vida. E ponto. 68, diz Fuentes, é insurreição, não contra um governo, mas contra um futuro. Do futuro escorre a baba dos bons homens de bem: das famílias e seus eletrodomésticos, das salas de aula enfileiradas, dos campos de golfe e de batalhas patrióticas, de guerras capitalistas, impregnadas do categórico democrático, do futuro escorre a castidade da causa, a entrega ao partido, o sacrifício e a vendeta. De futuro estamos cheios, tudo isso é sempre o mesmo.*

Ensaio *em 68*: mergulho do autor, que o projeta na pele viva de quem se interessa em problematizar livremente a existência: de novo palavras-paralelepípedos, rasgando acomodatamentos. A vida não é metáfora: cada palavra inscreve a vontade de viver livre: da família, da fábrica, da escola, da polícia, ou melhor, das polícias. A guerra é nada, o mercado é nada, a televisão, nada, o emprego, a dívida, as classes, nada: final de um século XIX? Começo de um XXI? Tanto faz: momento em que qualquer coisa pode não mais resistir, à esquerda ou à direita, incólume, ao lado da sinistra representação de

nossas vontades. *Constetation*: jovens, anota Fuentes, questionando tudo.

Tudo: “(...) não há uma única profissão francesa que não tenha sido submetida à crítica e projetada para o futuro por seus próprios membros, subitamente conscientes de que a revolução consiste em assumir livremente responsabilidades concretas dentro de cada círculo de trabalho, livrar-se das tutelas administrativas abstratas” (p. 51). Livrar-se do abstrato: que raio de revolução é essa? O futuro utópico fica pequeno, ridículo. Livre de abstrações, o presente é inegociável. Sob qualquer bandeira, dentro de qualquer desígnio, o presente deve ser solucionado: direitos, garantias, salários, férias... reformas. A essa altura, a vida já passou. O detalhe, inventar a própria existência, está fora de partidos e seus dogmas: autogestão não é programa:

“Mais que uma crítica da *propriedade* (pública no neo-liberalismo, remotamente exercida por *managers* no neocapitalismo), trata-se de uma crítica da *gestão*, igualmente abstrata, igualmente distante dos interessados em ambos sistemas. A revolução contra a burguesia e a revolução dentro da revolução convergem na afirmação da *autogestão* do trabalho e da produção pelos homens diretamente interessados” (p. 94). Novamente, como na Espanha de 1936, e como em Proudhon, cem anos antes, a revolta política só afirma liberdades quando inventa relações econômicas livres: ainda devemos problematizar a autoridade pela propriedade.

Pelas ruas de Praga, tanques soviéticos desfilam pela ordem, tentando conter, nos moldes da velha revolução, a liberdade que escapa pelas linhas da literatura: esperando o desacato na via pública, pouco podem contra a insurgência bem-humorada, inteligente, das palavras. Os exércitos de punhos ao céu nada sabem de corpos vivos, de mãos delicadas, que pulverizam ideologias: o sangue está na tinta, e no espaço público desfilam cadáveres. “Condenar o totalitarismo não merece um romance, diz Kundera. O que ele considera interessante é

a semelhança entre o totalitarismo e ‘o sonho imemorial e fascinante de uma sociedade harmoniosa onde a vida privada e a pública têm uma unidade e todos se reúnem ao redor da mesma vontade e da mesma fé. Não é por acaso que o gênero mais favorecido na época culminante do stalinismo fosse o idílio’” (p. 110).

O encontro com a literatura: a poesia e a revolução: dupla inocência, loucura da pureza jovem. O poeta nos olhos do revolucionário, e vice-versa... não se trata de aperfeiçoar o mundo, mas de gritar sua estupidez: dançando no cemitério não se vence a morte, mas se afirma a vida sobre a veneração da memória. O humor sutil e cruel que com palavras faz da lei o crime repete-se no olhar certo que fotografa a vida interrompida pela ordem cifrada que a nega, em nome da paz. Em Tlatelolco, Laura Díaz fotografa o retorno do mesmo gesto, dos astecas, dos espanhóis, dos latino-americanos, dos humanistas de toda índole, que sobrepõem crânios em muralhas e valas comuns, silenciando a morte em números de perigosos revoltados inconseqüentes ameaçadores desobedientes bagunceiros, *etcétera*. Laura chora seu neto, guarda Santiago na memória que grita, do fundo da vala, que a vida tem nome, e o nome não se repete nunca igual, o nome sai da garganta, o nome não soma, não resulta em idéia, não justifica causa alguma. O massacre, novamente: sobre ele, o silêncio, a imagem. Mas a fotografia, *clique* do olhar interessado, cúmplice, volta ao ancestral do governo: “A cidade era um acampamento de bárbaros” (p. 159). Este livro nada comemora, nada condena: apenas *anota* que o improvável permanece visceral.